

Falta de pasto desafia agropecuária gaúcha

Solos danificados pela enchente impediram plantio das pastagens de inverno

Ana Esteves, especial para o JC

A falta de alimento para o gado tem sido um dos principais gargalos no pós-enchente para pecuaristas pelo Rio Grande do Sul afora. O impacto foi sentido tanto na impossibilidade de plantio das pastagens de inverno, em função da degradação do solo, quanto nos rolos de pré-seca do estocado como alternativa para o inverno, mas que foram levados pelas águas.

O engenheiro agrônomo e

coordenador técnico da Cotribá, Fernando Muller, explica que a chuva gerou grande prejuízo à fertilidade do solo, pois a erosão levou à perda das partes física, química e biológica das áreas. “É difícil mensurar quanto se perdeu e é possível que a reconstrução do solo leve mais de 15 anos, pelo grande volume de chuvas.” Entre as saídas para o problema, Muller elenca algumas opções como incentivo à rotação de culturas, mantendo o solo coberto com palha durante o

ano todo e adoção de outras alternativas de renda para dar mais estabilidade no campo.

O engenheiro agrônomo e professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Gustavo Brunetto, diz que o grande volume de chuvas em pouco tempo dificultou a infiltração da água no solo, gerou escoamento de água e transferência de solo com grandes perdas do mesmo. Além da saída de água dos rios que levou à perda da camada fértil do solo e deposição de

resíduo, deixando apenas a fração areia. “A matéria orgânica também foi embora, houve a formação de voçorocas (buracos no solo por erosão severa), além de perda de áreas com grãos que esperavam para serem colhidos”, acrescenta Brunetto.

O caminho para a recuperação dos solos passa por fazer amostragem das regiões afetadas, calagem, boa adubação e cobertura por planta. “Mas não trazem resultado a curto prazo. E eventos extremos

serão mais frequentes, como secas e muita chuva em curto espaço de tempo. É o momento de revisar conhecimentos antigos e intensificar o uso de plantas de cobertura.” O tema foi debatido no evento Reconstrução do solo no Rio Grande do Sul pós-enchentes, na Casa da Cotribá, na Expointer, que reuniu, além de Brunetto e Muller, especialistas do setor para debater alternativas para sanar o problema no Estado.

Leia mais na página 2



Impacto das chuvas e da falta de sol foram sentidos em todas as regiões do Estado; Expointer é oportunidade para debater alternativas à nutrição animal

PASTAGENS

Pecuaristas buscam opções para contornar déficit de pastagens

O pecuarista da cabanha Luz de São João, de São Gabriel, Celso Jaloto, conta que toda a área que ele tinha destinada para o cultivo de azevém precisou receber tratamento especial para que houvesse disponibilidade de alimento para o rebanho Braford que ele cria. “Não tinha como entrar com trator nas lavouras, pois estava muito alagado, precisei semear e depois aplicar ureia como adubo de cobertura com ajuda de avião. Além disso, não tinha luminosidade para a planta crescer”, diz o pecuarista. Ele conta que pensou em adiar o leilão de touros e fêmeas, marcado para setembro, pois “tem que estar com os animais bem preparados para ir para o leilão

e a gente no início teve muita dificuldade, mas depois as coisas foram se acomodando e deu tudo certo. Mas se fosse num tempo normal, a gente teria ganho aí uns 20 dias”.

Na propriedade dele também é usado o bolo de pré-secado para complementar a alimentação do gado no vazio forrageiro, período em que acabou a pastagem de verão e a de inverno ainda não se desenvolveu, o qual, por sorte, foi preservado durante a enchente. “Para não ficar apenas no campo nativo, colocamos pré-secado e complementa com um proteico energético”. O resultado das enchentes foi atraso na pastagem de azevém, que normalmente, em junho já

está pronta e neste ano não ficou pronta a tempo. “E aí é visível, quando você sai numa pastagem normal de verão ou de suplementação nesse vazio forrageiro e entra no azevém, pois o animal se desenvolve mais.”

O impacto nos custos de produção foi alto, com incremento de 15%, pelo aumento do uso de tecnologia para garantir a germinação e crescimento das pastagens. “Como é uma área que foi cultivada com soja no verão, a adubação da época ajudou”. Quanto à área plantada, Jaloto, diz que, em anos normais planta toda a área de soja com pastagem de inverno, mas que, em função da enchente, teve que reduzir em 50%.



CAROLINA JARDINE/DIVULGAÇÃO/JC

Jaloto cogitou adiar o leilão de reprodutores marcado para setembro

O pecuarista Roberto Beck, da Estância do Espinilho de Cruz Alta, diz que num primeiro momento, logo após a colheita de soja, foi possível plantar pastagens e houve uma germinação boa. “Mas o que foi plantado logo após a chuva, como a aveia, teve atraso total do ciclo, perdemos mais de mês em função do excesso de chuva”. Ele precisou readequar o gado e usou aveia em cochos de alto consumo

e um pouco de pastagem que tinha, para diminuir muito o espaço de volumoso (pré-secado). “Essa suplementação com aveia fazemos só no verão. E o número de animais é o mesmo, apenas encolhemos o espaço e concentramos esses animais num espaço pequeno em função de eles estarem suplementados”. Sobre as áreas erodidas, ele conta que foi feito aterro das valetas para amenizar um pouco o prejuízo.

Conteúdo produzido pelo

Núcleo-i
Conteúdo multimídia patrocinado

para Casa Cotribá

Cotribá debate sucessão rural na Expointer

A Casa Cotribá na Expointer, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, debateu o tema de sucessão familiar na tarde de quarta-feira (28). O painel, com a presença de empresas parceiras e de produtores, destacou o projeto Conexão Cotribá.

A iniciativa, junto à Bayer e a Safras & Cifras, auxilia famílias a fazerem a transição de seus negócios no campo. O programa, constituído por módulos, aborda questões como gestão econômica, governança e planejamento sucessório e tributário.

O presidente da Cotribá, Celso Krug, relata que houve um esvaziamento do interior nos últimos anos, o que fez com que a iniciativa fosse colocada em prática. “Nos eventos, a faixa etária dos produtores é de 50 anos para cima. Isso é preocupante. Precisamos de ideias novas e de tecnologia nas propriedades”, considera Krug, que tem

exemplos de sucessão em sua família.

Já o vice-presidente da cooperativa, que é a mais antiga do Brasil, Enio Nascimento, sente uma necessidade de aproximar os pais dos filhos em torno do assunto. “A atividade agrícola é como uma empresa. O jovem deve decidir se será sucessor ou herdeiro”, sugere.

Motivação, para ele, é o segredo para que a primeira opção seja a escolhida. O conceito é compartilhado também por Eduardo Goulart, representante técnico de vendas da Bayer. “Temos que cativar o jovem para que o cooperativismo siga forte”, enfatiza. Gustavo Breancini, também da Bayer, ensina que uma geração entrega para a outra o que construiu, e assim consecutivamente.

Taís Leivas, consultora da Safras & Cifras, lembra que o Conexão Cotribá foi constituído a várias mãos para



ALINA SOUZA/ESPECIAL/JC

No painel foi destacada a necessidade de renovação de ideias e práticas nas propriedades

atender os anseios que se tem no processo. Ela destaca que a ideia é respeitar os fundadores e profissionalizar

os jovens.

Os sucessores presentes no painel citaram o fluxo de caixa, a avaliação de custos e o

entendimento da responsabilidade de todos os filhos com as propriedades como as principais lições do projeto.

Ministro diz que exportação de leite uruguaio não é predatória

Ana Esteves, especial para o JC

O ministro da Pecuária, Agricultura e Pesca do Uruguai, Fernando Mattos, disse na Expointer, durante visita à Casa JC, que o Uruguai é um parceiro do Brasil, em termos comerciais, tanto no setor de leite quanto no de carne bovina.

“Não somos concorrentes do Brasil, ao contrário do que se anuncia que nossas exportações são predatórias, apenas suprimos a indústria brasileira”, afirmou. Mattos acrescentou que Uruguai e Brasil se complementam comercialmente, pois ambos são agroexportadores, mas que no caso dos laticínios, o Brasil é deficitário. “Não produz a totalidade do leite que consome, inclusive se houver uma recuperação e um cresci-

mento da demanda, esse déficit aumentaria”, acrescentou.

A previsão para 2024 é de exportar cerca de U\$S 1 bilhão, para diferentes mercados, mesmo com a redução de cerca de 25% dos envios de leite. Mattos diz que a exportação é realizada com valores de mercado e que não existe a prática de dumping. “É uma fake news, podemos desmentir categoricamente, pois o preço da exportação do Uruguai está acima da média do mercado internacional: leite em pó integral a U\$S 3,5 mil e exportamos em torno de U\$S 3,8 mil, quase 10% acima do valor de mercado que é o valor que entra no mercado brasileiro”, explica. Outra questão que gera intenso debate no setor se refere à qualidade do leite uruguaio.

Mattos afirma que tem



TÂNIA MEINERZ/JC

Mattos visitou a Casa JC na feira

ocorrido intenso diálogo com autoridades brasileiras no sentido de não colocar entraves burocráticos para ingresso de leite, quando existe garantia de inocuidade e de qualidade do produto.

Produtor mantém cautela na captação de crédito na Expointer

Roberta Fofonka, especial para o JC

O produtor rural gaúcho está cauteloso na captação de crédito. Segundo o presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste, Márcio Port, os números captados pela cooperativa na Expointer estão abaixo do ano passado nos primeiros cinco dias da feira do agronegócio. “Percebemos esse compasso de espera”, observou Port, em visita à casa do

Jornal do Comércio na Expointer nesta quinta-feira.

O quadro, entretanto, pode mudar, com mais negócios a partir de anúncios esperados por parte do governo federal.

Atualmente, a Central Sul do Sicredi abarca 38 cooperativas, espalhadas pelo Rio Grande do Sul. Em 340 municípios gaúchos, mais de 50% da população adulta é associada do Sicredi.



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Leandro Gindri de Lima e Márcio Port, do Sicredi, estiveram no JC

É sempre
BOM DIA
pra quem acredita.

É sempre bom dia pra quem ama a nossa terra.
Pra quem acredita na força do trabalho.
E pra quem tem o parceiro certo pra seguir em frente.

Visite o Banrisul na Expointer e conheça os produtos que vão fazer você ter um bom dia junto com a gente.

- Plano Safra 2024/25
- Comercialização
- Conta Única Rural
- Crédito Rural
- Custeio

banrisul

Jornal do Comércio **91**
O jornal de economia e negócios do RS ANOS



Cobertura do JC

EXPOINTER 2024

Transformando desafios em oportunidades

A Expointer 2024 é o palco onde o agronegócio gaúcho se destaca pela sua capacidade de transformar desafios em oportunidades. E o JC está na linha de frente dessa transformação, oferecendo uma **cobertura especial** mostrando a inovação e adaptação do setor.

Nosso time de jornalistas está pronto para trazer todas as histórias que fazem do agronegócio um motor de progresso no RS. Acompanhe reportagens exclusivas, entrevistas com líderes do setor e análises detalhadas sobre tudo que acontece na maior Feira de Agronegócios do RS.

Não fique de fora dessa jornada. Siga nossa cobertura e descubra como o agro está moldando um futuro promissor para todos.

JC na Expointer: Mostrando como o agro transforma desafios em oportunidades.

